

A INFÂNCIA E A BELEZA - LEITURA DO CONTO *A ESTRELA* DE VERGÍLIO FERREIRA NO CIRCUITO DAS LEITURAS INFANTO-JUVENIS

Cláudia Sousa Pereira (Universidade de Évora)

Já houve tempos em que os livros que destinamos às crianças eram lidos por todos. Não havia, portanto, essa segregação que condiciona a enunciação literária, o discurso e a obra dedicados à infância. Mas conseguimos também perceber que alguns autores, fingindo escrever para crianças, o estão a fazer para os adultos. Importantes teóricos destas questões da produção artística para as massas, como por exemplo Dwight Mac Donald ou até Jürgen Habermas, tendem a apontar a infantilização dos adultos e a super-estimulação das crianças para o estreitamento destas duas esferas de leitores. Agrada-nos pensar que publicações como a recém editada versão de *A Estrela* de Vergílio Ferreira, ilustrada pelos desenhos de Júlio Resende, e a aparecer na secção infanto-juvenil das livrarias, venha a aproximar os dois universos de leitores pela qualidade do objecto literário e não pela condição do seu receptor. Ultrapassando estas questões, é precisamente em torno dos temas da Infância e da Beleza que se fará uma leitura de *A Estrela*.

Incluído também numa colectânea de Contos¹ (1ª edição de 1976), *A Estrela* é efectivamente o único texto que melhor se aproximará do universo de um jovem leitor (algumas bibliografias incluem-no na faixa etária dos 13 aos 16 anos, julgo que se fosse mais cedo outras leituras importantes se poderiam fazer). Apesar de todos os contos, formas simples, serem segundo as palavras do próprio Vergílio Ferreira na nota introdutória "de uma dimensão menor que a do romance", entendendo-se "por dimensão a estrutura básica de um género ou forma estética que envolva determinadas possibilidades artísticas e humanas", julgou-se não ser a reduzida dimensão de uma forma literária, nem a pouca idade dos seus eventuais leitores que lhes retira qualidade artística e humana. A prová-lo está *A Estrela*.

O texto desenvolve-se sempre no universo infantil de Pedro que o autor/narrador omniscientemente partilha, como se tivesse posto um joelho por terra para regressar ao seu passado (sete anos, a idade de Pedro?) e lhe viessem à memória os medos e dúvidas: "Assim que se viu na rua, desatou a correr pela aldeia fora até à torre, porque o medo vinha a correr também atrás dele. Mas como ia descalço, ele corria mais", "E teve medo. Reparou mesmo que estava a suar, e não devia ser da corrida, porque este suor era frio", "Mas as pedras frias assustaram-no. Lembravam-lhe mortos ou coisas assim. Já com os pés não se assustava tanto, porque o frio que entrava por aí era só frio da falta de botas." (pág.180), "Entalou-a então no cordel das calças, porque não tinha bolsos, e começou a descer. A chatice era se lhe caía e se partia lá em baixo. Mas não a levando entalada, só se a levasse nos dentes, o que podia dar em resultado parti-la à mesma. Porque precisava dos dentes para fazer força nos sítios mais difíceis." (pág.181), "Pedro chorava não sabia porquê, nem sabia que não sabia, porque ninguém lhe tinha ainda perguntado" (pág.188).

Ao longo do conto, como também acontece noutros contos e romances em que intervêm crianças, o mundo adulto e o mundo infantil aparecem separados por um enorme sulco. Em *A Estrela*, só o velho e o artista tocador de viola, o Cigarra, partilham a admiração de Pedro pelo "objecto" que a criança rouba, acontecimento central da narrativa: "Conhecia muito bem o velho, que gostava dele e o chamava mesmo às vezes da varanda quando o via passar, para o meter na conversa. Dava-lhe berlindes, aguçara-lhe mesmo ainda há poucos dias o bico do pião para escachar o do Rui que era seu vizinho e lhe rachara o dele de meio a meio. mas do que o Pedro mais gostava era de histórias e o velho sabia muitas. A bem dizer, ele sabia apenas umas três ou quatro, mas Pedro gostava tanto, que se não aborrecia de as ouvir outra vez e era assim como se fossem muitas. Tinha olhos bons, o velho. Um pouco amachucados da velhice, mas bons. E Pedro gostava dele." (pág.185) Quanto ao Cigarra, chocado pela indiferença da população pelo roubo da estrela, sai-se em defesa daquele ponto de luz, em defesa do que é apenas Belo, e que não faz falta a (quase) ninguém: "E o sr. António Governo, que era muito impor-

tante lá na aldeia por ser muito rico, e gostava de ser popular até onde, evidentemente, a coisa não metesse chatices, pôs-se logo ao lado da opinião de toda a gente e chegou mesmo a dizer: - Olha eu agora a ralar-me por causa de uma estrela. O que mais falta são estrelas. Por mim podiam levá-las todas que não perdia o sono. Mas aqui o Cigarra bateu o pé, que por sinal era bem grande: - Isso é que não, senhor Governo. Agora uma estrela. Isso é que não. As estrelas enfeitam; toda a gente sabe que enfeitam. E roubarem logo a mais bonita. Podiam roubar outra, uma, digamos, de segunda, já mais gasta. Mas não senhor, logo a melhor. Isto não pode ficar assim." (pág. 186).

Igualmente relevante nas questões em torno da literatura juvenil é a caracterização das figuras parentais, representantes privilegiados desse outro mundo adulto. Em Vergílio Ferreira a distinção é clara no tratamento das figuras do pai e da mãe. No conto *O Imaginário*, o criador de bonecos de barro diz para o seu aprendiz: "Os filhos só dão gozo enquanto os estamos a fazer. Depois são tudo mais ou menos uns patifes. Não acredites muito neles, meu rapaz." (pág.202). Já em *Carta* a figura materna aparece como a detentora de um bom senso comovente: "Minha mãe olhava-me em silêncio, dorida, e todavia serena como se detivesse o fio do meu destino, ou soubesse, da sua carne, que tudo estava certo com a vida: o nascer, o partir, o morrer." (pág.251).

Em *A Estrela* a reacção dos pais de Pedro ao desaparecimento da estrela, essa metáfora da Beleza essencial, reacção de quem sofre com os rigores da sobrevivência e não se compadece com o que vive no luxo do prazer de apenas apreciar o que enfeita, surge num discurso que releva de um profundo conhecimento da condição humana, e que marca toda a obra do pensador-escritor: "A mãe de Pedro, a bem dizer, tanto se lhe dava como se lhe deu que tivessem levado a estrela. À primeira, porque havia muitas e queixar-se alguém assim era como se se queixasse de lhe roubarem uma azeitona. À segunda, porque só as olhava no verão, quando vinha para a porta a tomar um pouco de ar. Ou nem as olhava, já tinha visto, não era preciso ver outra vez. Quanto ao pai até se ria - estaria tudo maluco? Tinham roubado a mula

ao Roda Vinte e Seis, tinham roubado a galinha ao Pingo de Cera que só tinha uma e andava sempre à coca a ver quando ela punha o ovo, tinham roubado um caldeiro de bosta de boi à Raque-Taque que a andara a apanhar pelas ruas uma semana inteira para estrumar as couves - e ninguém fizera assim um banzé." (pág. 187).

Ao lermos *A Estrela* é impossível não recordarmos o mito de Prometeu. Castigado pelo roubo daquela "semente do Sol" pelo Povo, voz de (Z)Deus, Pedro imortaliza-se nas cantigas do Cigarra e na memória dos que olham e vêem no brilho daquela estrela que, fora do firmamento, apenas assumia todo o seu resplendor e plenitude no universo da noite e nas mãos de uma criança. Mas é também Héspero que revive na personagem de Pedro. Héspero a quem as mitologias clássicas, em particular nas interpretações do siciliano Evémero do século IV a .C., chamavam a *Estrela da Tarde*, subiu ao Atlas para ver as estrelas e desapareceu para sempre. Como era um homem bom acreditou-se que se tinha transformado em estrela, e Héspero é o astro benfazejo que anuncia a chegada da noite. A doutrina evemerista considerava que na origem dos deuses estavam homens de méritos reconhecidos pelas acções em benefício de outros homens, e a quem, por isso mesmo, eram prestadas honras de deus.

O percurso de Pedro, marcado pela falta (de carinho e atenção) que o levou a querer ter só para si toda a beleza da estrela, num acto que nunca julgou assumir as proporções sociais que tomou, esse percurso leva-o ao arrependimento e à morte. Ao repor a Ordem social, mas também do funcionamento do Mundo porque as estrelas pertencem ao céu e a todos, a Ordem que ele próprio alterara prejudicando aqueles que como ele reconheciam o verdadeiro valor, verdadeira função da estrela, resta a Pedro a única solução verdadeiramente heróica: "Toda a gente chorou a sua morte. E o Cigarra, que andou de luto um ano inteiro, fez mesmo uns versos sobre ele para os cantar depois à viola. Já passaram muitos anos e ainda hoje se cantam." (pág. 189).

A edição de textos como *A Estrela*, originalmente dedicadas a adultos e que de forma mais marcante a instituição-escola, mas também as editoras,

recomendam, convertendo-os em leitura infanto-juvenil (como aconteceu em França com as obras de Jules Verne) poderá preparar os adolescentes para a cultura literária, mas também ajudará sem dúvida a definir a qualidade da literariedade que os textos para a infância e juventude têm, julgamos, obrigação de possuir. A partir do momento em que o texto literário suba (!) aos níveis da magia, do maravilhoso, do imaginário que povoa o universo infantil, assim que o texto consiga assumir o papel de mediação entre uma escrita decifrável pelo adulto e a expectativa de uma recepção infanto-juvenil, esse texto conseguirá alargar os horizontes da criança que sobe (!), agora ela, ao universo estético da Literatura.

Afirma Denise Dupont-Escarpit², especialista em Literatura para a Infância e Juventude da Universidade de Bordeaux: "Não se pode negar a importância de se eliminar fronteiras entre leitura adulta e leitura adolescente: as diferentes idades não estão fechadas e estes clássicos em gestação são pontes muito frágeis, é preciso saber transpô-las a passo ligeiro e firme, sem hesitação, sem retornos, com risco de rupturas. Estas obras não se destinam apenas a alguns adolescentes, os que têm já cultura literária. Incluir estas obras no circuito das leituras adolescentes é colocar obras literárias de qualidade nas mãos dos jovens."

Como a estrela que toda bela brilhava nas mãos de Pedro, quando o mundo era só dele.

¹Ferreira, Vergílio, *Contos*, 5ª edição, Bertrand Editora, Lisboa, 1993.

²"Adolescência:Leitura(s) em Liberdade?" in AA.VV., *Do Dragão ao Pai Natal, Olhares sobre a Literatura para a Infância*, Comunicações dos Encontros Luso-Galaico-Francófonos do Livro Infantil, Campo das Letras, Porto, 1999,